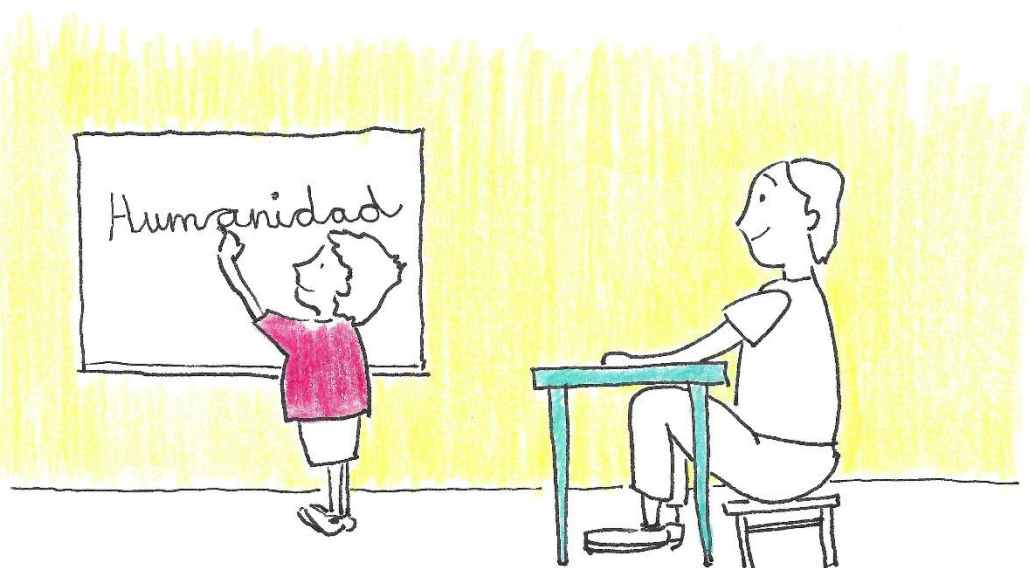


Interdependência



**Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:
Interdependência**

Original: educacion.press/2017/09/30/terminos-y-mentalidades-interdependencia/

Este é um termo que considero especialmente valioso. Já vimos, ao falar de autonomia, a patológica confusão existente entre autonomia e independência. A ânsia de independência é outra versão da busca do autocontrole e, ao estudar esse termo, se mostrou a patológica dinâmica que comporta o autocontrole. A independência, sem lugar a dúvidas, é algo inumano. Pelo contrário, se a tem por uma grande e desejável aspiração a todos os níveis: família, político, social, etc. Em definitiva, aspiração a não ser humanos.

Winnicott, importante psicanalista, assinalou que a má experiência da criança em relação com a mãe é o que desperta o medo à dependência e, com isso, a busca da independência. Assim, pois, a busca da independência estaria enraizada, segundo a

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

psicanálise, a um movimento patológico de fuga da mãe pela má experiência da dependência filial. Winnocott descreve o movimento são da relação entre a mãe e o filho em termo de gratidão. Um filho que se sente agradecido à mãe. A base da gratidão não está em que a criança perceba que a mãe atende os seus requerimentos, senão em surpreender-se de que, sem haver pedido nada à mãe, ela atende às necessidades da criança. É uma experiência encantadora, cheia de surpresa e gratidão.

Erikson, outro importantíssimo psicanalista, assinalou que isto introduz a criança em uma confiança básica com o mundo e com ela mesma. Sem lugar a dúvidas, a relação entre mãe e filho é a pedra angular sobre a que se constrói a psicologia humana.

A independência é a destruição da humanidade. Mais especificamente falando, a independência é a animalização da humanidade.

O animal é profundamente independente e não pode ser mais que egoísta. Esta afirmação pode resultar exagerada, sobretudo se temos visto documentários de animais onde se faz uma descrição da vida animal em termos humanos, mas isso não é mais que uma antropomorfização do animal, projetando sobre eles sentimentos, desejos, pensamentos e intencionalidade que só são humanas. Remeto-me ao importante antropólogo Tomasello para sustentar esta posição sobre o egoísmo radical do animal. Recomendo-lhes o seu livro “A natural history of human thinking”.

Malkon Knowles, referência chave para entender a educação de adultos, não entende que a dependência inicial tenha que evoluir à independência, senão que o termo que usa em contraposição à dependência é a agência. Logo, nem no mundo educativo de adultos a independência aparece como desejável. E se nos trasladamos à infância, podemos encontrar pedagogos como Montessori, que usa o termo independência, mas não com o significado usual do termo; nela, a independência nunca comporta o isolamento da criança ou a não dependência do adulto. Montessori é usualmente mal interpretada como promotora da independência, mas, em Montessori, o termo independência é, em verdade, o desenvolvimento da agência, a garantia de um espaço de livre expressão para que o adulto possa investigar os processos psicológicos e vitais da criança, mas nunca a ruptura da dependência social.

Outra referência para promover a independência é Vygotsky e a sua famosa frase “o que a criança é capaz de fazer hoje com a ajuda de alguém, amanhã poderá fazer por si só”; simplesmente haveria que ler umas páginas mais para encontrar que a aprendizagem “só” gera desenvolvimento humano através da cooperação. E que a interiorização desses processos passa a ser uma conquista evolutiva independente da

criança; ou seja, independente quer dizer individual e referido ao desenvolvimento, não à aprendizagem. Nomear Vygotsky para justificar o objetivo pedagógico de que a criança aprenda sozinha seria uma má interpretação de sua proposta. Se o que dinamiza a aprendizagem “só” é a cooperação, por que haveria que buscar um estado de relação (independência) que impeça a aprendizagem? Ademais, que algo possa fazer-se por si só, não quer dizer que convenha, que seja feito por si só, principalmente quando fazê-lo por si só suporia deter a aprendizagem.

A independência é patológica. Ao nível filosófico, pode-se encontrar uma multidão de referências transculturais e de todos os tempos que sustentam que se o ser humano é o que é, o é pela alta qualidade e intensidade de suas relações e a ruptura dessas relações (independência) conduz à destruição de seu ser. O ser humano é um ser relacional. Fora da relação, não se entende, e seu progresso e desenvolvimento não é outra coisa que a intensificação de suas relações.

No contrário, tristemente encontramos psicólogos e pedagogos que, apesar de sua boa vontade, estão promovendo a morte da humanidade.

Existe uma profunda e enriquecedora dependência que, longe de buscar superá-la, há que aprofundar-se nela. Lendo o filósofo da educação Altarejos, afirma que as crianças ensinam os pais o que é a humanidade. Pareceu-me uma ideia preciosa e pensei: trata-se da sã dependência entre gerações. O que ensina cada uma delas à outra? Responder esta pergunta me levou tempo, mas hoje creio que poderia respondê-la: a infância ensina a humanidade, a juventude ensina a busca da qualidade, a adultez ensina a viver na complexidade e a ancianidade ensina o essencial.

As crianças ensinam o que significa ser humano através da brincadeira. Ser humano significa viver o desfrute do encontro interpessoal e tudo o que não sirva a este propósito é a coisa mais estúpida do mundo. Tomara que aprendamos isto, os adultos, mas, por desgraça, não o conseguimos.

Os jovens ensinam que qualquer tipo de vida não vale a pena ser vivida. Um pai diz a seu filho: “Ponha o capacete, porque se não, você pode se matar!”. E o filho poderia perguntar ao pai: “E você, para que quer viver? Eu sei que o que vou fazer esta tarde com os meus amigos vale a pena, mas o que você faz, vale a pena?” Quando ao jovem, se diz: “Estude muito e será aprovado.” - o jovem pergunta: “Para quê?” - e o pai lhe diz: “Para ter uma carreira”. - e ele volta a perguntar: “Para quê?” - e o pai responde: “Para ter um trabalho.” - e a cada: “Para quê?” - respondemos com um novo objetivo

que, no fundo, não corresponde à pergunta que o jovem está se fazendo há algum tempo: “Para que viver?”

Quantos adultos entram em depressão porque, já tarde, se dão conta de que não cessam de viver para um “Para quê?” que não tem resposta! Muitos se dão conta tarde demais, quando, estando aposentados, já não existe outro para que. Os jovens exigem qualidade e, por outro lado, seu espírito aventureiro aporta novas ideias à sociedade.

Os adultos ensinam a viver na complexidade. A vida é complexa, tremendamente complexa e tristemente encontramos muitos que a reduzem interpretativamente a umas poucas variáveis. A estatística hoje em dia está supervalorizada, mas se tem mostrado que a estatística e os estudos analíticos são ineficazes para mostrar a complexidade da vida, que não pode ser reduzida a variáveis, embora estas sejam muitas.

Hoje em dia, vivemos em um mundo fragmentado, onde o trabalho, a vida em família, o ócio e o individual caminham por trajetos independentes ou se põem uns ao serviço do outro, que usualmente é o trabalho. Os adultos prudentes e sensatos, que sabem conjugar todos os elementos da vida para fazer uma vida mais frutífera, são uma ajuda para as diversas gerações. Os adultos deveriam ser especialistas em como gerar vida desde a complexidade.

Os anciãos ensinam o essencial e, nesse sentido, se parecem às crianças, pois remetem à humanidade. Os anciãos simplesmente, com uma frase, ou com um olhar, podem questionar profundamente o que fazemos! Que pena que aos anciãos sábios não os escutemos! Parecem-se às crianças, mas se diferenciam pela autoridade que lhes dá a vida. Eles sabem o que é ser criança, jovem e adulto, e sabem assinalar o que é realmente importante nesta vida.

No contrário, no colégio, tecnicizam as crianças a golpe de competência; aos jovens, os entretêm com um ócio chamado equivocadamente “são” que, em verdade, pretende evitar incomodar o adulto; aos adultos, os profissionalizam com uma má interpretação do que é o êxito; e aos anciãos, os calam ou inclusive os matam. E o pior de tudo é que nós somos os únicos responsáveis. Crianças tecnicizadas ocultam a humanidade, jovens divertidos (divertido, etimologicamente, quer dizer vertido, fora de si) se entretêm fazendo dano a si mesmos e aos demais; adultos profissionalizados se convertem em tiranos; e, quando chegam a anciãos e contemplam a sua morte, desejam arrastar quantos puderem com eles.



Poderíamos nos perguntar por que não se tem feito referência às emoções neste artigo estudado no vocabulário emocional; sem esta reflexão, é difícil entender o que poderíamos denominar sentimentos de enlouquecimento, onde poderíamos agrupar todo esse pacote de sentimentos que, segundo distintos contextos, mostram os efeitos de uma sociedade enlouquecida. Por exemplo: sentimentos de rejeição e de privação na criança, sentimentos de depressão e violência no jovem, sentimento de superficialidade, egoísmo e falta de sentido no adulto, sentimentos de solidão e inutilidade no ancião.

Certamente, a busca e promoção patológica de independência não explica a totalidade desses sentimentos, mas sem ela tampouco podem entender-se.

Aprendamos uns com os outros e a sociedade será diferente. Aprendamos a depender uns dos outros, pois nos necessitamos, e conheceremos novos sentimentos e novos mundos...